



AS IMPLICAÇÕES DO SEXISMO BENÉVOLO NA AFIRMAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS FEMININOS

Jéssica Horácio de Souza

Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

PALAVRAS-CHAVE. Mulheres. Estereótipos. Sexismo. Gênero. Liberdade.

RESUMO: Perceber e considerar as diferenças de papéis sociais que homens e mulheres representam é o início do processo para compreender o sexismo enquanto afirmação de estereótipos em relação ao gênero. A partir de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa e de cunho exploratório tornou-se possível compreender a afirmação dos estereótipos femininos expressa através de atitudes cavalheirescas. Problematizar os pensamentos e as intenções por trás do sexismo benévolo é importante para possibilitar a liberdade das mulheres se construírem do modo que elas desejarem e portanto, escolherem, evitando que vivenciem os estereótipos de gênero como um destino fixo e imutável.

INTRODUÇÃO

Homens e mulheres possuem características específicas que os diferem, sendo elas originadas do sexo e do gênero. Sendo assim, o sexo corresponde as características biológicas, anatômicas, fisiológicas, de código genético e de produção hormonal. Já o gênero é considerado uma construção social que recebe influência da cultura e que é representado através de papéis sociais. Logo, os papéis sociais constituem a forma que cada indivíduo se apresenta ao mundo, e eles são embasados na cultura de cada sociedade como também nos resquícios históricos referente a sobrevivência do ser humano em cada época.

A reprodução recorrente de papéis sociais em relação aos sexos e ao gênero pode originar os estereótipos de gênero. Esses correspondem a um processo de formação de impressão referente ao masculino e ao feminino, e como são pressupostos, podem velar preconceitos em relação ao gênero considerado inferior, dando origem ao sexismo.

Neste sentido, é considerando a supremacia de um gênero sobre o outro que o sexismo se instaura, perpetuando, como consequência, as opressões entre indivíduos por se diferenciarem a partir de seu aparato sexual. O sexismo, então, pode ser manifesto inferiorizando tanto o sexo feminino quanto o sexo masculino. Embasado em uma sociedade fundamentada em resquícios de uma cultura de modelo patriarcal - sistema de organização social e econômico que delegou aos homens o poder econômico e o controle social - é corrente a manifestação do preconceito com relação as mulheres.

Assim, denomina-se machismo o comportamento construído pelo modelo patriarcal, o qual se baseia na crença da superioridade do gênero masculino sobre o feminino, e, sua ação se expressa através da adoção de comportamentos que subjagam as mulheres. Uma vez que o sexismo corresponde aos privilégios dados a um determinando sexo em detrimento do outro, compreende-se que, desta forma, o machismo corresponde à expressão ou ao efeito do sexismo, e age de forma discriminatória essencialmente contra as mulheres. Nessa perspectiva, a mulher é considerada o sexo frágil em relação ao homem. E, embora o rigor dessa consideração tenha se modificado, as ideias que permeiam o conceito de mulher ainda se estruturam no modelo de outrora. Através de atitudes machistas criam-se ideias pré-concebidas em relação ao

gênero inferiorizado, colaborando negativamente para o fortalecimento de padrões referentes à conduta do sexo oposto. A mulher, devido influências religiosas e culturais, é apresentada como um ser frágil, vulnerável, sensual e, portanto, subjugada ao homem. Ainda hoje lhe são atribuídas tais características em contraposição às características dos homens que, por fim, legitimam sua superioridade e força decorrentes do seu sexo masculino.

A replicação de estereótipos não considera a descoberta e atualização de informações quanto ao sexo e ao gênero de cada indivíduo, ela, ao invés disso, permanece na inércia do pensamento patriarcal, segundo o qual é norma geral uma sociedade se manter governada por homens, e que esses dominem a razão, contribuindo para a economia da nação, e as mulheres sejam emocionais e cuidadoras do lar e da família.

Esses pré-conceitos encontram-se enraizados na cultura, e atualmente ainda percebe-se a influência deles no cotidiano. Eles replicam padrões comportamentais femininos e masculinos, impossibilitam a equidade de gênero e originam manifestações violentas relacionadas até mesmo à misoginia, que corresponde ao ódio pela mulher. Mas, existe ainda outra forma de expressão da crença da inferioridade feminina, porém, de uma forma sutil; é deste modo que o sexismo ganha um sentido benévolo, e não mais hostil. Assim, a partir de comportamentos cavalheirescos, os homens reprimem as mulheres e reforçam a fragilidade feminina, considerando-as sensíveis e frágeis.

Quando um indivíduo aceita e também reproduz os estereótipos de gênero devido à alienação de sua liberdade, aceita automaticamente que o outro lhe estabeleça normas sociais a serem seguidas e, nesse sentido, a sua liberdade de se escolher é convertida na autonomia que este dá ao outro de dizer quem ele deve ser a partir de modelos pré-estabelecidos, embora essa atitude não exclua a responsabilidade de sua escolha. Mas quando este indivíduo percebe as expectativas da sociedade perante o seu gênero e considera que não existe um desejo real da sua parte em reproduzir os papéis esperados, uma de suas possibilidades é a de realizar um movimento de resistência, em que age de forma diferente do que se espera dele, defendendo sua liberdade de ser quem desejar, para além de normas e expectativas quanto ao seu gênero.

Devido a alienação da liberdade, homens e mulheres podem então desconhecer as possibilidades de escolha para o seu



projeto de ser, ou seja, para como desejarem ser, e assim, acabarem reproduzindo comportamentos que não lhes agradam devido as limitações que os papéis sociais referentes ao gênero ao qual pertencem possuem. As estereótipos de gênero encontram-se enraizadas na cultura de cada povo e, mesmo que implícitas nas formas de expressão do sexismo, podem influenciar os comportamentos dos indivíduos determinando padrões comportamentais femininos e masculinos, além de limitarem a conquista pela equidade de gênero.

A partir da consideração dessa situação e partindo da contextualização da liberdade existencialista, a psicologia enquanto ciência que estuda o comportamento humano, pode compreender os conflitos existenciais devido à reprodução de estereótipos, como também as consequências oriundas das fugas às normas de gênero. Neste sentido, o presente artigo, a partir de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e de cunho exploratório, compreende a importância de analisar como se configura a estereótipos feminina frente aos preconceitos que podem se ocultar em atitudes benévolas, assim como as limitações impostas por uma sociedade fundamentada essencialmente em um modelo patriarcal.

A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO

Joan Scott, historiadora estadunidense, em 1986 publicou originalmente em língua inglesa, o artigo "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". Com essa publicação a historiadora apresentou uma visão diferenciada sobre a concepção de gênero, desejando desconstruir a oposição entre os sexos que era até o momento investigada. Scott compreende que existem diferenças entre os sexos, contudo, para ela, a forma com que essas diferenças são apresentadas é produto de uma construção social para a manutenção do machismo e do padrão heteronormativo, ou seja, do poder dos homens sobre as mulheres e da homossexualidade como norma geral.

Nesse artigo Scott expõe que o termo gênero era tratado como sinônimo de mulheres e que na literatura da época, no caso, final do século XX, se substituiu o termo mulheres por gênero. E essa substituição se dava porque gênero [...] "tem uma conotação mais objetiva e neutra do que 'mulheres'". (SCOTT, 1995, p. 75). É importante salientar também que devido à neutralidade do termo, os estudos sobre o mesmo ganham uma conotação mais séria e legítima dentro das academias, contribuindo para os estudos feministas.

Judith Butler, filósofa estadunidense, dedica seus estudos às pesquisas sobre gênero, contudo, introduz ao tema questionamentos que diferem de Scott. Seus estudos surgem com o objetivo de desconstruir a materialidade do corpo, e questioná-lo como parte também de uma construção social e cultural. Para Butler, quando se pensa em sexo como algo imutável, fixo e estabelecido, automaticamente entende-se que existe uma essência, um "eu puro" que será submetido ao gênero, ou seja, um sexo que será transformado em papéis sociais. Contudo, a filósofa compreende que o sexo e, no caso, o corpo, também são construções, pois não existe uma determinação de que um homem sentirá desejo por uma mulher, para ela, sexo, gênero e desejo são construtos sociais. Seu objetivo é desmontar a obrigatoriedade desse sistema de relações. (RODRIGUES, 2003).

Butler apresenta o termo performance para se referir à forma com que as pessoas se manifestam a partir do seu sexo/gênero. A performatividade reforça a construção dos corpos masculinos e femininos e, como consequência, reproduz e fortalece os estereótipos de gênero. O corpo pode ser desconstruído, pois se ele é performático não existem comportamentos definidos por ele, mas sim, representados

nele, logo, qualquer gesto, comportamento e signo de ordem cultural pode ser incorporado e reproduzido pelo corpo.

A partir das diferentes análises dos estudos sobre gênero, a compreensão sobre o tema ganha novas problematizações, o que contribui para a tentativa de mudança dos padrões estabelecidos, os quais são limitados e/ou negativos para aqueles que os sofrem e também para os que o exercem, pois tanto oprimido quanto o opressor acabam se limitando dentro de estereótipos, não percebendo, às vezes, a possibilidade de resistir à elas.

Marina Castañeda, psicóloga e historiadora, também buscou analisar os estudos de gênero a fim de compreender o porquê de se considerar o sexo como determinante de comportamentos, e ainda o porquê de se buscar na biologia ou no sexo justificativas para os comportamentos estereotipados de gênero. Assim, em seu livro "O machismo Invisível", publicado em 2006, apresenta as formas de expressão do machismo como também, a partir de uma compreensão de teorias construtivista e essencialista, por ela apresentadas, expõe como a sociedade reproduz comportamentos de acordo com cada gênero.

Na teoria construtivista apresentada pela psicóloga, o indivíduo não nasce com as características masculinas ou femininas, mas sim ele se constrói a partir das suas relações, ou seja, a única diferenciação natural entre homens e mulheres é resultante dos aspectos biológicos, ou, do sexo, ademais, ele será aquilo que fizer de si, não existindo, neste sentido, a natureza biológica como fator determinante. Por outro lado, para a teoria essencialista, o indivíduo já nasceu com todos os caracteres comportamentais decorrentes do seu sexo, ou seja, ele possui um gênero específico em virtude do sexo, uma natureza masculina ou feminina, e será essa natureza que determinará sua personalidade e, claro, os papéis que ele irá desempenhar.

Ainda nessa linha de pensamento, para apropriar as mulheres ao espaço privado e com isso garantir aos homens controle sobre o espaço público, são determinadas algumas características de comportamento como naturais ao sexo feminino. A maternidade é compreendida, então, como atividade primeira de toda mulher, fruto da natureza biológica do seu sexo, ou seja, de acordo com a teoria essencialista, o desejo e a função de ser mãe é pertencente a todas as mulheres. "É assim que características biológicas - a maternidade inscrita no corpo feminino - passam a assumir um significado social". (COUTINHO, 1994, p. 36).

Nesta perspectiva, é a construção social que irá elaborar os conceitos de feminino e masculino, e não uma natureza humana proveniente da diferenciação dos órgãos reprodutores. Nesse sentido, não pode existir uma superioridade entre os sexos, pois a construção de si se dará para além dos caracteres biológicos. O ser humano, por ter a capacidade de pensar, diferentemente dos outros animais, se constrói para além de uma natureza, não nasce determinado a desempenhar papéis específicos, ter comportamentos e sentimentos de acordo com o seu sexo, mas sim, a partir da sua interação com o espaço em que se insere consegue significar o que vive.

Considerando os conceitos construtivistas de homem e mulher, sabe-se que o ser humano não se constrói apenas pelo seu aparato biológico, ele também é uma complexidade de comportamentos, emoções e sentimentos que moldam e definem a sua identidade para além do sexo que possui. De acordo com Belo et al., (2005, p. 8), "A natureza fornece a diferença, mas a leitura de tal diferença é construída e organizada socialmente por cada cultura, sugerindo uma variabilidade considerável na sua explicação". Pensar então que todos os componentes da personalidade de um indivíduo



são decorrentes da determinação do seu sexo é desconsiderar os fatores socioculturais que o cercam e, conseqüentemente, ignorar as mudanças históricas decorrentes de sua inserção no espaço.

Nessa perspectiva, a visão essencialista fortalece o sexismo ao considerar a superioridade de um gênero sobre o outro, além de conceber o sexo como determinante na construção da personalidade do indivíduo. A ideia da inferioridade feminina é reforçada também pela teoria dos instintos. Devido à sua capacidade biológica de gerar o bebê, a mulher tem o dever de se dedicar à gestação e ao cuidado da família para garantir, assim, a sobrevivência da espécie.

Assim, uma vez que se compreende que os conceitos de feminilidade são construídos, entende-se que a biologia não é um destino e que a identidade de um indivíduo se formará através do significado que ele der às suas vivências. Neste sentido, se questiona se é necessário que o indivíduo se identifique com o seu gênero para que apresente um funcionamento saudável, ou ainda, por que o indivíduo deve se apropriar dos estereótipos referentes ao gênero ao qual pertence para que seja considerado normal ou adequado à sociedade?

SEXISMO HOSTIL E BENÉVOLO

Uma vez que o sexismo corresponde a ideias de inferioridade e superioridade referentes ao sexo, ocorre a expressão a nível social de julgamentos referentes àqueles considerados inferiores, e o incentivo àqueles que são tidos como superiores. Assim, os aspectos femininos são, por vezes, ironizados, e os masculinos, como força e virilidade, são enaltecidos como sinais de superioridade.

A manifestação de julgamentos rudes contra a mulher é atualmente menos recorrente, uma vez que leis foram criadas para defendê-la das violências em virtude de sua história de subjugação ao homem. Contudo, o preconceito não é somente expresso dessa forma hostil, com ação discriminatória, ele também pode se manifestar de forma velada, incutido sutilmente nas formas de tratamento, causando tantos prejuízos quanto a primeira forma de manifestação do sexismo, porém, sendo encoberto por atitudes cavalheirescas, e nesse sentido, machistas.

É desse modo que Glick e Fiske (1996 apud FORMIGA et al., 2005) percebem a existência do sexismo ambivalente, no sentido de existirem duas modalidades na expressão do preconceito: o hostil, que limita as mulheres, lhes impedindo diretamente de realizar as mesmas atividades que os homens devido à crença na fragilidade do seu sexo; e de outro lado existe o sexismo benévolo que, através de comportamentos gentis e cavalheirescos, busca-se privilegiar as mulheres devido aos seus estereótipos de fraqueza e delicadeza, reforçados ao longo da história da humanidade, afirmando assim, os conceitos da submissão feminina.

O sexismo ambivalente compreende uma estrutura bidimensional, expressando um conjunto de estereótipos quanto à avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal sobre o papel apropriado que cada indivíduo deve ocupar ou executar na sociedade, segundo o seu gênero (EXPOSITO, MOYA & GLICK, 1996 apud FORMIGA; GOLVEIA; SANTOS, 2002, p. 109).

O sexismo benévolo se caracteriza pelo tratamento às mulheres a partir de elogios em virtude de sua aparência física, devendo seguir os princípios da estereotípia feminina, e condutas de proteção que, devido à suposta fragilidade de seu sexo, precisa ser protegido pelos homens por esses serem o sexo forte.

Como as atitudes benévolas geram uma dualidade de sentimentos, ora pelas mulheres se sentirem cuidadas e protegidas e ora por se sentirem inferiores e dependentes dos homens, por vezes esta manifestação sexista é confundida com gentileza, não sendo identificado o seu verdadeiro objetivo, que é o de "[...] incentivar as mulheres a permanecerem em seus papéis convencionais". (GLICK e FISKE, 2001 apud BELO, 2005, p. 9).

Contudo, este tratamento pode ser afirmado também pelas próprias mulheres, ao aceitarem e reproduzirem os comportamentos machistas, ou aquele padrão comportamental definido para ser expresso pelo sexo feminino. Em suma, o sexismo benévolo corresponde a atitudes paternalistas protetoras, considerando as mulheres seres frágeis que requerem atenção e cuidados por parte do sexo masculino, e que, devido às suas características biológicas, devem ser vistas como sensíveis e românticas, tendo sua sexualidade suscetível aos desejos do sexo oposto.

Isso ocorre pela crença de que elas, por terem a função biológica da reprodução e por socialmente estar definido seus papéis de cuidadoras do lar e da família, precisam ser amadas e protegidas pelos homens. Nesse sentido, as mulheres ainda são consideradas como o sexo frágil e tal concepção é afirmada através dos estereótipos originados pela cultura patriarcal e fortalecida pelo sexismo benévolo. Um exemplo de sexismo benévolo é observado em um conselho dado a um futuro esposo por volta do século XII: "Poupe-a, trate-a com doçura e ternura, pela persuasão, lembrando sempre a invalidez do seu sexo". (BADINTER, 1980, p. 37).

Então, a diferença entre o sexismo hostil e o benévolo é que na forma hostil é evidente a discriminação para com as mulheres no sentido de limitá-las a exercerem atividades que competem somente aos homens segundo uma visão machista, ou seja, no sexismo hostil há o predomínio de comportamentos paternalistas dominadores; assim, a forma hostil é duramente rejeitada por algumas mulheres. Já no sexismo benévolo, a sociedade reforça os estereótipos femininos uma vez que eles surgem de forma sutil e velada, ou seja, sua expressão ocorre através de comportamentos paternalistas protetores, podendo ser expressos através de gestos cavalheirescos, como abrir a porta do carro para a mulher entrar, através de elogios à sua beleza ao invés de elogiar sua competência profissional, e ou de atitudes que as poupem de fazer esforços, não evidenciando assim o seu teor machista e preconceituoso.

Para Castañeda (2006), o cavalheirismo é entendido como toda forma de manifestação de gentileza que ocorre única e exclusivamente para com as mulheres. Ele se caracteriza por comportamentos e posturas cordiais em que os homens, ou até mesmo as mulheres, desejam beneficiar o sexo feminino devido à crença de que elas são sensíveis, frágeis, submissas e extremamente sensuais, diferentemente dos homens. Neste sentido, uma atitude cavalheiresca se difere de uma atitude gentil. No comportamento gentil, as atitudes de cordialidade são feitas para qualquer pessoa, independente do seu gênero. O intuito, neste caso, não é o de salientar as limitações de alguém ou de ser condescendente somente com o sexo feminino devido à crença em seus estereótipos, mas sim o de ser cordial e prestativo visando o bem estar do indivíduo, independente da sua identidade de gênero. Já nas atitudes cavalheirescas, se busca favorecer o sexo feminino em prol de um favorecimento próprio.

Quando a mulher aceita determinados privilégios devido à crença de que, por ser mulher, merece recebê-los, ela automaticamente contribui para reforçar os padrões sexistas, independente de eles serem benévolos ou hostis, admitindo a existência de um padrão de comportamentos que rege as



mulheres perante a sociedade e que deve ser seguido em virtude da sua natureza biológica.

Neste sentido entende-se que a manutenção dos estereótipos através de cordialidades que se exercem a partir do sexismo benévolo reforça o papel da mulher num contexto geral, independente de onde ela esteja inserida e, consequentemente, interfere na sua qualidade de vida, uma vez que tolhe seu desejo real ou espontâneo de ser.

A LIBERDADE DE TORNAR-SE

Beauvoir (1967) afirma que enquanto a criança vive somente para si, não pode identificar uma diferença entre ela e o outro, pois o outro, nesse caso, não existe para ela. Desta forma, quando vivencia seu processo de desenvolvimento voltado para si, tanto o menino quanto a menina sentem as mesmas sensações, descobrem seus corpos com o mesmo entusiasmo, vivem a situação de desmame com intensidades naturais de um bebê, porém, somente experienciam desta forma seu desenvolvimento porque ainda não foram integrados a uma sociedade determinada por papéis de gênero. Gênero esse que tais crianças recebem como forma de tratamento ainda no útero da mãe, mas que, por não compreenderem o esquema social, não lhes afetam.

De acordo com Rodrigues e Heilborn (2014), é na sala de exames, a partir da identificação do sexo, que se definirá o destino do feto. Chazan (2007 apud RODRIGUES; HEILBORN, 2014, p. 81) afirma que: "quando passa a ser possível estabelecer o sexo biológico, o feto vai ganhando identidade e se construindo como pessoa". Então, quando se apresenta à criança a diferença de comportamentos entre homens e mulheres em decorrência do seu sexo, se estabelece automaticamente que a estereotipia de gênero é decorrente da biologia e é ela quem os define. Nesse sentido, a partir dos elementos sugeridos, se estabelecerá o que é apropriado para os sexos, fortalecendo, assim, a separação dos indivíduos em função da sua biologia. No entanto, se um indivíduo estiver em um contexto social no qual lhe for possível burlar o padrão estabelecido, terá condições de se conduzir de forma também não padronizada, uma vez ser o social, e não o biológico, o que lhe possibilitará tal condução. Mesmo assim, esta forma de se conduzir em desacordo com seu sexo, como já visto, lhe amargará, possivelmente, um atributo de desviante.

A criança revela sua existência no mundo a partir do momento em que é imobilizada pelo olhar de alguém (BEAUVOIR, 1967). É no reconhecimento da existência do outro que os comportamentos serão comparados e distinções serão feitas. Contudo, a forma com que serão contextualizadas as diferenças é de fundamental importância para a formação da personalidade. Cabe ressaltar que existem diversas distinções entre indivíduos, quer sejam do mesmo sexo ou não, e essas diferenças se conferem às particularidades de cada um, às escolhas que cada sujeito fez e às influências socioculturais presentes na formação da personalidade de ambos.

Para Coutinho (1994), as diferenças psicológicas são amadurecidas a partir da vigência dos estereótipos, e isso resulta na desigualdade entre os sexos, um processo que inicia ainda na infância. "Basicamente, a socialização nos ensina o que nossa cultura considera maneiras corretas de pensar, comportar-se, falar, sentir, relacionar-se com os semelhantes e lidar com situações". (COUTINHO, 1994, p. 58). Poeschl; Múrias e Ribeiro (2003) reforçam esse pensamento, afirmando que as limitações vivenciadas pelas mulheres são resultado dos conceitos tradicionais os quais correspondem aos estereótipos, e o seu fortalecimento se dará a partir da difusão destes por parte da família enquanto núcleo privado e público.

Conforme Beauvoir (1970, p. 7), "todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade". Ou seja, como a feminilidade é construída a partir do gênero e esse através do sexo, nenhum indivíduo carregará desde o seu nascimento as características que pertencem à estereotipia do gênero, mas sim, poderá se apropriar do que já lhe foi estabelecido enquanto ainda estava no ventre materno, tendo embora o direito de recusar, quando se apropria de sua liberdade, os papéis que lhe foram atribuídos. Assim, uma vez que os estereótipos são frutos da criação de papéis de gênero, e esses são construídos de forma histórica e cultural, logo, não haverá uma norma natural ou um destino que determine o que é ser mulher. Deste modo, um indivíduo do sexo feminino é somente isso, alguém que possui o sexo feminino, não sendo necessariamente uma mulher, a não ser que ele execute os estereótipos que se consideram pertencentes ao seu sexo. "Embora certas mulheres se esforcem por encarná-lo, o modelo nunca foi registrado". (BEAUVOIR, 1970, p. 7).

Passos (2000, p. 46, grifos do original), ao apresentar a visão de Beauvoir sobre a construção da mulher, traz o seguinte pensamento como pertencente à feminista: "Nós não somos por causa do nosso sexo, mas nos tornamos pelo que nos é ensinado e cobrado, em decorrência do nosso sexo", ou, como a própria autora revelou, "ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1967, p. 9). A transformação, ou o "tornar-se", se refere às interferências da cultura, que ocorrem simultaneamente ao esforço individual por construir-se, por fazer-se. "A partir da ideia sartreana, o tornar-se significa escolher aquilo que se quer ser, de modo que a mulher será aquilo que se projetou ser". (PASSOS, 2000, p. 47). De acordo com Sartre (1970, p. 4): "o homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência [...]. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo".

Porém, é importante compreender que esse homem é influenciado pelos aspectos culturais e sociais, nesse caso, Simone de Beauvoir discorre ainda no existencialismo, mesma linha filosófica seguida por Jean-Paul Sartre, sobre uma liberdade circunstanciada. Para ela, a liberdade não é independente da cultura, mas sim será estruturada de acordo com cada situação, pois é essa que apresentará os recursos disponíveis de escolha. (SAFFIOTI, 2000).

Considerando esse discurso existencialista, logo, a construção de um "eu" será definida pelo próprio sujeito, e ele pode utilizar dos padrões vigentes para isso, como por exemplo, se apropriar dos estereótipos femininos, como pode também se distanciar deles, desejando ser alguém para além de determinismos e definições, efetivando a sua própria liberdade de se escolher. O fato de o indivíduo escolher pertencer aos estereótipos do seu gênero constitui também na liberdade que ele é, contudo, o que se torna fundamental, antes de modificar estereótipos, é que o sujeito reconheça que é livre para escolher sua vida e fazer sua realidade, e não que é fadado a um destino ou, nesse caso, aos papéis de gênero, pois a cultura modifica-se, e deste modo, serão possíveis mudanças na forma de identificar ou performatizar o gênero.

É interessante retomar a premissa do movimento feminista que no auge do seu estabelecimento pregava, conforme revelam Alves e Pitanguy (1989, p. 10), "que as diferenças entre os sexos não se traduzam em uma relação de poder [...]". Ou seja, que as diferenças oriundas dos sexos sejam consideradas como são, próprias, e que não ganhem interpretações quanto aos seus privilégios, pois partindo do pressuposto que o ser humano possui a capacidade de se escolher perante a sociedade, ele poderá modificar sua



realidade, tornando-a adequada e aprazível de ser vivida, e não destinada pela biologia.

Considerar um ideal para ser arraigado à sociedade é repetir novamente a existência de padrões, pois quando se define que existe um ideal, se anula qualquer singularidade que possa surgir fora dele. Entretanto, uma mudança social se torna necessária para possibilitar a reformulação de conceitos referentes aos sexos, e também aos papéis que cada um deve desempenhar. Através de uma reflexão pautada no respeito e na equidade entre os indivíduos se poderá promover a transformação na forma de perceber a mulher e o homem, esses não como o conceito de homens que é utilizado para se referir a ambos os sexos, mas como o conceito de indivíduos que, embora com aparatos sexuais diferentes, têm a liberdade de se construírem conforme queiram e desejam.

Então, nesse sentido, é importante que a educação das crianças nas escolas seja voltada para reflexões sobre a constituição da subjetividade de cada indivíduo, ao respeito das diferenças enquanto caráter social e também no desenvolvimento da criticidade frente aos estereótipos e modelos patriarcais, implicando em o indivíduo construir sua identidade ativamente. Em casa, no âmbito familiar, discutir as questões de gênero, e as limitações que os papéis sociais impõem, os desejos e necessidades mais genuínos dos filhos também pode contribuir para uma mudança do pensamento patriarcal, pois compreende-se que os valores são, por vezes, aprendidos a partir do discurso e exemplo dos familiares, e sua reprodução será um reflexo disso.

Promover a quebra de padrões enquanto determinantes para todo o indivíduo é essencial para o desenvolvimento dos desejos, interesses e escolhas de cada um. e, conforme se estimula a reflexão sobre as possibilidades para além dos padrões, se favorece a espontaneidade individual, evitando adequações dentro de normas estereotipadas. Quanto mais recursos ou possibilidades de o indivíduo se desenvolver o meio permitir, maior será a liberdade conquistada pelo sujeito, uma vez que ele não se desenvolverá somente dentro dos limites do que a sociedade julga adequado para o seu gênero, mas sim será aquilo que desejar ser. (BAUMAN 2005, apud MURTA; PRETTE; PRETTE, 2010).

É importante também que as crenças, religiosas ou não, sejam reformuladas e contextualizadas com as mudanças sociais através dos tempos, ou seja, que elas não se alienem no contexto em que surgiram, mas que se apliquem à realidade vigente. Os paradigmas e os mitos devem, nesse sentido, serem reavaliados a fim de questionar o porquê de sua reprodução, uma vez que, neste caso, funcionam para reforçar preconceitos.

O objetivo dessa mudança social, mas que, sobretudo, inicia com uma implicação individual, é permitir a reflexão sobre os papéis de gênero e, sobretudo, desejar que os indivíduos, independente do seu sexo, se tornem quem desejam ser. Assim, como escreveu Doroth Parker (apud BEAUVOIR, 1970, p. 8), "minha ideia é que todos, homens e mulheres, o que quer que sejamos, devemos ser considerados humanos".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre os padrões sociais torna-se importante para rever a origem de atitudes negativas a partir deles e também as implicações da reprodução de tais padrões. Embora as mulheres tenham conquistado direitos a seu favor, verificou-se que ainda não foi possível erradicar as estereotipias quanto ao seu gênero e que ainda existem diversas formas negativas de concebê-las.

Os papéis de gênero, além de limitarem a inserção das mulheres na esfera pública e privada, também as condicionam

a viverem um destino feminino visto como natural, impedindo que esse destino seja visualizado como pertencente à cultura e às diferentes sociedades. Portanto, problematizar o gênero e suas estereotipias se tornou essencial para se pensar em como eles interferem ainda no padrão comportamental das mulheres e, sobretudo, para se pensar em uma mudança.

A discriminação sobre a mulher ocorre desde formas agressivas e pejorativas, que caracterizam inclusive as violências contra as mulheres, como pode também ser manifesta através de uma crença enraizada nos indivíduos, independente do sexo, de que as mulheres são inferiores aos homens e que, por isso, necessitam de cuidados especiais, bem como de serem privadas de realizarem tarefas e comportamentos considerados específicos dos homens. O sexismo hostil e o sexismo benévolo, embora possuam canais diferentes de expressão da crença na inferioridade feminina, se complementam e causam prejuízos significativos na vida de homens e mulheres, e quando não são questionados e refletidos sobre seus objetivos e sua manutenção, acabam reproduzindo a estereotipia de gênero.

É interessante analisar a manutenção do cavalheirismo, uma vez que ele se expressa através de comportamentos que beneficiam as mulheres, portanto, não evidenciam o pensamento sexista por trás dele. Não é possível afirmar que o sexismo benévolo é utilizado única e exclusivamente para inferiorizar as mulheres, pois como é alimentado pelas mídias através de ideais românticos e esses estão inculcados em uma ideologia patriarcal protetora e dominadora, quem os reproduz pode desconhecer seu teor sexista e manifestá-lo acreditando ser um comportamento educado para com as mulheres. Contudo, mesmo desconhecendo as raízes do cavalheirismo, a partir da sua reprodução se afirma que os homens devem possuir um comportamento protetor e de cuidado para com as mulheres e que elas devem se submeter a essas posturas, e até a gostar delas, fazendo parte, muitas vezes, de seu "ideal de homem".

Portanto, diferenciar o sexismo benévolo de comportamentos gentis é fundamental para compreender que o respeito para com o gênero é fundamental, mas que é importante que ele ocorra através de atitudes gentis, o contrário do sexismo benévolo, que somente é reproduzido para as mulheres como forma de afirmar a superioridade masculina.

O patriarcado configura os papéis sociais que devem ser desempenhados por cada gênero, salientando a supremacia dos homens sobre as mulheres. Porém, mesmo com papéis delimitados e buscando na natureza justificativas para aqueles desempenhados pelas mulheres, elas estabelecem uma rede de poder dentro da própria submissão. Então, como mães e cuidadoras do lar, do esposo e da família num todo, as mulheres se apropriam desses estereótipos considerados naturais e inviabilizam a participação dos homens nas tarefas que dizem respeito aos papéis a elas atribuídos, fortalecendo ainda mais os seus estereótipos e naturalizando sua condição de mães.

Logo, percebe-se que as mulheres se apropriam de alguns estereótipos, principalmente aqueles que são considerados naturais por serem biológicos, mas que são representados por determinações sociais. A maternidade, nesse sentido, é considerada natural de toda mulher, embora o cuidar seja construído socialmente, ou seja, não se nasce com as características do ser mãe, a mulher torna-se mãe através das características que são atribuídas a um processo natural que é o de gerar um bebê. Educar e cuidar do bebê já fazem parte de um processo social e cultural. Então, os estereótipos atribuídos às mulheres objetivam limitá-las e confiná-las à esfera privada



da sociedade, contudo, não são percebidos com tal objetivo por possuírem em seus papéis sociais características biológicas e, portanto, analisadas como naturais.

O feminino é analisado sob uma perspectiva natural, excluindo a subjetividade que pertence ao ser humano. Nesse caso, homens e mulheres são analisados como animais puramente regidos pelos instintos, negligenciando que eles possuem capacidade de pensar, criar normas e valores sociais a partir de suas culturas. Contudo, o conceito de feminino difere em cada cultura e é essa consideração que permite a análise cultural e sua influência na constituição dos estereótipos e de gênero. O mesmo ocorrendo com o masculino.

É importante que haja estudos sobre a liberdade de se tornar e também sobre as responsabilidades que as escolhas implicam, pois a partir destes estudos, principalmente na área de gênero, será possível refletir sobre a inexistência de um destino fixo e imutável, e nesse sentido, modificar os padrões que permanecem estabelecidos nas sociedades.

Discutir sobre as estereótipias de gênero traz um desconforto devido ao tempo em que elas são reproduzidas e à forma com que estão arraigadas no discurso. Contudo, discutir e refletir sobre o assunto ajuda a problematizar quais comportamentos são importantes adotar para modifica-los e, possivelmente, erradicar os pré-conceitos sobre homens e mulheres, permitindo a todos uma vida de maiores possibilidades de ser.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1985.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor moderno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370 p. Tradução de Waltensir Dutra.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: Fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

_____. O segundo sexo: a experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. 500 p.

BELO, Raquel Pereira et al. Correlatos valorativos do sexismo ambivalente. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p.7-15, abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 jun. 2015.

CASTAÑEDA, Marina. O machismo invisível. São Paulo: A Girafa, 2006. 303 p.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 249 p.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, dez. 1995.

FORMIGA, Nilton Soares et al. As duas faces do preconceito feminino: Análise do inventário de sexismo ambivalente em homens brasileiros. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 23, n. 41, p.57-63, jun. 2005. Disponível em: <<http://www2.puepr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=187&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

FORMIGA, Nilton S.; GOLVEIA, Valdiney V.; SANTOS, Maria Neusa dos. Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 1, n. 7, p. 103-111, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000100013>. Acesso em: 8 maio 2014.

MURTA, Sheila Giardini; PRETTE, Almir del; PRETTE, Zilda A. P. del. Prevenção ao sexismo e ao heterossexismo entre adolescentes: contribuições do treinamento em habilidades de vida e habilidades sociais. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, Lisboa, n. 2, p.73-86, 2010. Disponível em: <[\[content/uploads/2015/02/prevencao-ao-sexismo.pdf\]\(http://www.rihs.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/02/prevencao-ao-sexismo.pdf\)>. Acesso em: 4 jun. 2015.](http://www.rihs.ufscar.br/wp-</p></div><div data-bbox=)

PASSOS, Elizete. O existencialismo e a condição feminina. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia (Org.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Salvador: Fast Design, 2000. p. 39-47.

POESCHL, Gabrielle; MÚRIAS, Cláudia; RIBEIRO, Raquel. As diferenças entre os sexos: mito ou realidade. *Análise Psicológica*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p.213-228, jan. 2003.

RODRIGUES, Carla; HEILBORN, Maria Luiza. Construindo Vera Cruz e desconstruindo gênero: aproximações entre Pedro Almodóvar e Judith Butler. *Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 16, p.73-85, abr. 2014.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 179-199, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth. O segundo sexo à luz das teorias feministas contemporâneas. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia (Org.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. 5. ed. Salvador: Fast Design, 2000. Cap. 2. p. 15-38. Disponível em: <http://www.cufa.org.br/in/maria_maria/simone.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2015.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um Humanismo. 3. ed. Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Abril Cultural. 32p. 1992.

Recebido em: 03/05/2016

Aprovado em: 07/12/2016